

Economia e redução de riquezas naturais

Categories : [Suzana Padua](#)

Finalmente se questiona o crescimento econômico e a inviabilidade de se prosseguir tratando o planeta como fonte inesgotável de recursos a serem explorados indefinidamente. Os parâmetros para o crescimento precisam mudar. Se não por princípios éticos, pela indisponibilidade de se prover recursos naturais capazes de suprir demandas que são incentivadas a proliferarem-se para garantir crescimentos contínuos. Alguns iluminados começam a perceber que existe ligação direta entre o equilíbrio ecológico, o econômico e a qualidade de vida humana. Outros, medíocres, ainda insistem em incentivar consumos e compras como parte das soluções.

Não há grandes novidades na crise atual. O que se evitou durante as últimas décadas foi encarar a verdade e tomar as devidas providências. Como muitos disseram, a crise econômica nada mais é do que a constatação da insustentabilidade do modelo adotado pelo mundo moderno, que acabou afetando todos os cantos do planeta.

Como diz Ricardo Guimarães, da consultoria [Thymus Branding](#), trata-se de uma crise épica, ou seja, atravessamos uma mudança de era. No mundo empresarial, ele defende que, para se adequar às demandas atuais, um gerente não deve mais esperar que um bom funcionário se assemelhe a um relógio, com funções mecânicas. Ao contrário, deve se incentivar criatividade e o aflorar de talentos individuais, como ocorre nos sistemas vivos e biológicos.

Enquanto teimarmos em enxergar apenas uma parcela do todo, fragmentando o pensamento, as chances de harmonia e equilíbrio reduzem-se significativamente. A interligação dos campos do saber e do agir passa a ser fundamental dentro dessa visão. Por isso, seu lema é “interdependência ou morte” e jamais “dependência ou morte”, como historicamente tem sido o orgulho brasileiro. As consequências do isolamento e das especificidades agora são mais claras do que nunca, pois poderão levar à decadência e à extinção, inclusive da nossa espécie.

Nesse sentido, o mundo natural deveria ser nossa fonte de inspiração. Biólogos que estudam espécies na natureza já compreenderam há tempos que a fragmentação de habitat reduz drasticamente as chances destas vingarem com saúde e integridade em longo prazo. Populações isoladas acabam apresentando problemas de consangüinidade, reduzindo as chances de se adaptarem a mudanças. É, portanto, a diversidade genética que assegura as espécies sua existência ao longo do tempo em seu meio natural, que por sua vez colaboram com a qualidade e dependem de um ambiente equilibrado, heterogêneo e complexo. A diversidade garante a adaptabilidade às mudanças no ambiente e aumenta a chance dessas espécies se ajustarem às mudanças que ocorrerem, se essas forem dentro de um mínimo de normalidade.

Mas, as mudanças têm sido drásticas e aceleradas. Não é de hoje que se sabe que o planeta não aguenta ser tão explorado. William Rees, um dos precursores do conceito das “[pegadas](#)

ecológicas", ou seja, do impacto que nossa forma de vida causa ao planeta, recentemente expôs suas idéias no [fórum Eco-Health](#), realizado em Mérida (México), de 30 de novembro a 5 de dezembro de 2008. No início de nossa existência agimos como as demais espécies, expandindo ao máximo o território ocupado. O que era adequado há milhares de anos atrás, não corresponde mais à realidade. Mas, esse hábito permaneceu mesmo depois dos indícios apontarem a não sustentabilidade do modelo. Deveríamos estar encolhendo nossas pegadas e não mais as ampliando. Diferentemente das demais, a espécie humana é a única que explora os recursos até sua extinção. Continua acumulando bens mesmo que a matriz não seja capaz de suprir as demandas que crescem exponencialmente.

Rees exemplifica este comportamento com o bacalhau no Canadá, que apesar de todas as informações disponíveis, que se acumularam por mais de 40 anos, colapsou por excesso de pesca em 1992. Os estoques não são mais capazes de repor a população em níveis sustentáveis.

Ficou claro que a saúde humana retrata a qualidade do planeta. Mais de um quarto das doenças que ocorrem pode ser minimizado ou evitado com melhorias ambientais. Mesmo assim, o comum é tratar das consequências e não das causas. Não se pensa em prevenir e sim em remediar.

Segundo Rees, alguns mitos precisam ser demolidos, pois suas consequências são devastadoras. O primeiro é o de que a tecnologia salvará a todos. A rapidez com que a tecnologia hoje devasta é maior do que sua capacidade de recompor, até porque a percepção humana é lenta e não prioriza investimentos compensatórios. O segundo é o de que o crescimento populacional não causa impacto. Até o século XIX, a população mundial era quase estável. Mas, os inventos que utilizam energias fósseis nos permitiram expandir e crescer desordenadamente, levando ao domínio da produção e do consumo.

Em apenas oito gerações a população do mundo explodiu. Como parte do processo, surgiu um terceiro mito, que precisa ser transformado: a necessidade de crescimento econômico com base no consumo desmedido, que é a essência do próprio modelo neoliberal capitalista.

Os cálculos de Rees enfocam principalmente os países ricos. O Japão e a Holanda, por exemplo, consomem mais de 7% do que são capazes de produzir. Isto significa que algum local no planeta está sendo impactado para que estes países mantenham seu nível de conforto. A população humana já demanda 1,8 hectares por pessoa para manter seu padrão de vida atual. Todavia, os Estados Unidos excedem qualquer parâmetro de sustentabilidade, ao consumirem o equivalente a nove hectares por habitante. A estimativa de Rees é de que já são necessários quatro planetas para manter os atuais níveis de consumo. O que indica piora se compararmos aos seus primeiros estudos, há um pouco mais de uma década, cujos cálculos eram de três planetas e meio.

A noção de "não-crescimento", portanto, deveria ser disseminada com a maior rapidez possível, se almejamos sustentabilidade planetária. Trata-se de uma revisão do Limite do Crescimento, proposto pelo Clube de Roma na década de 1970, acrescido por um movimento maciço por uma

redução no consumo, o que significa uma revolução na forma de pensar o futuro. Assim como o bacalhau, só se acorda para a realidade quando as catástrofes ocorrem. Os mais velhos diziam que as mudanças são inevitáveis, mas quando não ocorrem por amor acabam ocorrendo pela dor. Parece faltar amor pelo planeta e a dor tem sido grande para muitos, visto as catástrofes que vêm demonstrando o que os câmbios climáticos são capazes de causar. E tudo indica que estão apenas começando.

Neste sentido, ainda no Eco-Health, Carlos Nobre (Inpe) reforçou a noção de que já existem provas suficientes da insustentabilidade de nosso modelo de vida no planeta. Enfatizou a necessidade de adotarmos comportamentos que nos levem a uma evolução ética, ou a Terra se tornará inhabitável. Já se sabe disso, mas, como sempre, tenta-se evitar enfrentar a realidade, o que exigiria investimentos efetivos em mudanças paradigmáticas e não apenas em medidas mitigatórias dos impactos de nossa forma de vida atual.